

AS INFLUÊNCIAS E ASPECTOS COMPARATIVOS DE A CASA DE BONECAS E FELICIDADE, DE KATHERINE MANSFIELD EM FELICIDADE CLANDESTINA, DE CLARICE LISPECTOR

Delza Lourenço da Cruz¹

Vanessa da Cruz Nunes²

Sebastiana Fernandes Barros³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo divulgar o resultado da pesquisa acerca das influências que os contos *A casa de bonecas* e *Felicidade*, de Katherine Mansfield exerceram no processo de construção da narrativa *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. A fundamentação teórica que norteia nosso trabalho são os estudos da Literatura Comparada que, de acordo com Carvalho (2004) comparar é um procedimento que faz parte da estrutura do pensamento do homem e da organização da cultura. Por meio da comparação entre as narrativas busca-se demonstrar a correlação estabelecida entre as criações dessas duas escritoras que viveram em culturas e épocas distintas. Desse modo faz-se análise separadamente das composições e o confronto para identificar as semelhanças e dessemelhanças dessas obras artísticas. Almeja-se com esta pesquisa, contribuir para divulgar e expor as semelhanças e influências existentes entre as obras das duas autoras supramencionadas.

PALAVRAS – CHAVE: Literatura Comparada. Contos. Katherine Mansfield. Clarice Lispector.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo difundir los resultados de la investigación sobre las influencias que los cuentos *A casa de bonecas* e *Felicidade*, de Katherine Mansfield, ejercieron en el proceso de construcción de la narrativa *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. El fundamento teórico que guía nuestro trabajo son los estudios de Literatura Comparada, que, según Carvalho (2004), es un procedimiento que forma parte de la estructura del pensamiento del hombre y la organización de la cultura. Al comparar las narrativas, buscamos demostrar la correlación que se establece entre las creaciones de estas dos escritoras que vivieron en diferentes culturas y épocas. De esta forma, las composiciones son analizadas y comparadas para identificar las similitudes y disimilitudes de estas obras artísticas. El objetivo de esta investigación es contribuir a difundir y exponer las similitudes e influencias existentes entre las obras de las dos autoras mencionadas anteriormente.

PALABRAS CLAVE: Literatura Comparada. Cuentos. Katherine Mansfield. Clarice Lispector.

1. INTRODUÇÃO

Todo artista sofre influências tanto daqueles que o precedeu ou de sua contemporaneidade, seja de forma direta ou indireta. Muitas vezes o autor ao construir sua obra artística espelha tal inspiração de forma clara ou latente, às vezes para corroborar outras para combater.

Este artigo tem como objetivo divulgar o resultado das análises comparativas acerca do processo de influências que as narrativas “*A casa de bonecas* e *Felicidade*, de Katherine Mansfield exerceram na construção do conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector”. Identificando a características e as concepções das autoras, apesar das diferenças entre as suas nacionalidades, além de pertencerem a culturas e contextos diferentes.

Tal pesquisa se faz necessária em diversos aspectos, tanto como função literária, social, influência, elementos estruturais, temáticos e comparação como contextualização de criação de situações em que épocas eram tratadas como veículos de críticas sociais, no caso as obras literárias ou contos e romances. Almeja-se com este trabalho, contribuir para divulgar e expor as semelhanças e influências existentes entre as obras das duas autoras supramencionadas.

Os procedimentos metodológicos deste estudo estão baseados em levantamentos bibliográficos e análises dos contos que se cruzam como uma linha transversal de uma história para outra. Desse modo faz-se análise das composições separadamente e o confronto para identificar as semelhanças e divergências dessas obras artísticas.

Durante os levantamentos bibliográficos nos permitiu realizar levantamento de informações pertinentes que abordam diferentes concepções das obras de Katherine Mansfield e Clarice Lispector, assim como situações de determinados processos históricos vivenciados pelas autoras de grande prestígio da Literatura Universal.

2. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO CONTO E CARACTERÍSTICAS.

O gênero literário conto é um dos mais populares, sobretudo na atualidade, pois, apresenta uma narrativa mais curta, que tem como característica central a condensação de conflito, tempo, espaço e personagens, tal como é apresentado nos contos de Katherine Mansfield e Clarice Lispector, que descrevem situações que

prendem e fascinam o leitor com narrativas breves e permeadas de variadas interpretações, com tessitura refinada, momentos de epifanias vivenciados pelas personagens e abordagem psicológica. De acordo com Gancho (2014),

O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo. Outros autores caracterizam como histórias breves, abordando seus pontos significativos em determinado personagem que se encontra numa estrutura literária buscando destacar o objetivo central da mensagem que o autor transmite. (GANCHO,2014, p.7).

O processo de criar obras literárias sofre constantemente variadas inovações, que muitas vezes são muito bem recebidas pelo público leitor, em outras, as novidades vingarão muito tempo depois, pois, os leitores daquela época não absorvem o novo com isso o rejeitam. Neste sentido que o modelo tradicional permanecerá em voga, mas sempre haverá espaço para mudanças que abordarão pontos significativos de cada personagem e essas transformações da literatura brasileira sofre modificações de acordo com os movimentos e inovadoras concepções.

Nas narrativas ora pesquisadas as autoras priorizam o conflito existencial que envolve lembranças, reflexões e sentimentos enfrentados pelas personagens tanto adulta quanto juvenis. Então prevalece o tempo psicológico ou com intenção psicológica, que segundo Benedito Nunes (2013, p.18) “o primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas”, ou seja, é a vivência interior e variável de indivíduo para indivíduo.

Outra característica a se destacar é o processo de construção das personagens, ambas priorizam mulheres densas que rememoram o passado e passam pelo momento de epifania ou revelação advindo de fato inesperado que transforma completamente suas vidas e visões de mundo, de acordo com as autoras:

A epifania pode ser entendida num sentido místico-religioso e num sentido literário. No primeiro, epifania é o aparecimento de uma divindade e uma manifestação espiritual; em termos literários, epifania significa o relato de uma experiência aparentemente simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade nova e atordoante, quando os objetos mais simples e as situações mais cotidianas produzem uma iluminação súbita na consciência das personagens. Ainda mais especificamente em literatura, epifania é uma obra ou parte de uma obra onde se narra o 1 episódio da revelação. (CAMPOS; KUHN,2000, p.1).

Todas as personagens protagonistas dos contos estudados vivenciam fatos ou momentos epifânicos que são decisivos para uma nova tomada de consciência e revolução em relação à vida e ao meio em que vivem.

3. ELEMENTOS ESTRUTURAIS E TEMÁTICOS DAS NARRATIVAS, *A CASA DE BONECAS E FELICIDADE*, DE KATHERINE MANSFIELD E *FELICIDADE CLANDESTINA*, DE CLARICE LISPECTOR

A Literatura Comparada surgiu no século XIX e desde então ganha espaço não somente nos estudos literários, como também nos interartísticos, de acordo com Tânia Franco Carvalhal (2004, p.6) “Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura do pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo da linguagem corrente.” As escritoras Katherine Mansfield e Clarice Lispector pertenceram a países e épocas distintas, a escritora neozelandesa influenciou com sua obra no processo de criação de Clarice Lispector que recria com originalidade o fazer literário de sua musa inspiradora.

3.1 Katherine Mansfield: os conflitos existenciais e de classe social

Katherine Mansfield (1888 – 1923) nasceu em Wellington, Nova Zelândia e de acordo com os estudiosos é aclamada como uma das maiores contistas da literatura em língua inglesa e só rivaliza com Janet Frame na disputa pelo título de maior escritora da Nova Zelândia.

Mansfield deixou um conjunto de obras que se inspiram tanto em suas experiências de viagem, como também nas memórias de infância, *A casa de bonecas*, escrito em outubro de 1921, obra por nós analisada tem como cenário seu país de nascimento.

Em cada uma de suas histórias desenha um delicado retrato da vida privilegiada no país jovem, geralmente enraizado em hipocrisia social, conflitos existenciais e decorrentes das diferenças de classes. Em suas reflexões acerca da obra da autora, Cortázar (1994, p.53) afirma que:

O elemento significativo do conto parecia residir principalmente no seu tema, no fato de se escolher um acontecimento real ou fictício que possua essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesma, de

modo que um vulgar episódio doméstico, como ocorre em tantas narrativas de Katherine Mansfield [...], se converta no resumo implacável de certa condição humana, ou no símbolo candente de uma ordem social ou histórica. [...] propondo alguma coisa do cotidiano que vai muito além do argumento. (Apud KICH, 2015, p. 31).

Os temas aparentemente banais ganham através da sensibilidade apurada dessa autora, novos sentidos e reflexões aprofundadas conforme é comentado por Cortázar. Além dos fatos do cotidiano, ela aponta com sutileza questões sociais já existentes entre as classes mais abastadas e a menos favorecidas, também vale destacar as indagações existenciais, a busca pela felicidade, sonhos e devaneios vivenciados tanto pelos adultos quanto pelo universo infantil, conforme a seguinte passagem do conto *A casa de bonecas*:

As bonecas do pai e da mãe, estiradas, duras, como se tivessem desmaiado na sala de estar, e as duas criancinhas dormindo no andar de cima, eram realmente grandes demais para a casa de bonecas. Não combinavam com a casa. Mas o lampião era perfeito. Parecia sorrir para Kezia e dizer: “Eu moro aqui”. O lampião era de verdade. (MANSFIELD, 2005, p. 192).

A diegese do conto *A casa de bonecas* relata a história que envolve e confronta crianças e seu universo de sonhos, devaneios, imaginação e também suas pequenas maldades; socialmente são dois universos desiguais, de um lado as mais abastadas, da família Burnells e de outro as menos favorecidas, da família Kelveys.

O narrador é heterodiegético, ou seja, não é um dos personagens da narrativa, de maneira interventiva ele comenta, tece juízos de valores de forma que o leitor passa a conhecer o universo e dores das personagens; prevalece o tempo cronológico, porém com inserção de momentos psicológicos, o espaço desdobra-se entre a escola e a casa da família Burnells; o enredo apresenta em forma linear, conflitos alternando ora momentos de euforia, ora de disforia, que de acordo com Greimas e Courtés (2008) são dimensões de valores positivos (euforia) e negativos (disforia).

As meninas da família Burnells, Isabel, Lottie e Kezia, ganham de presente da agradecida sra Hay uma linda e perfeita casa de bonecas. De início as crianças já sentem variadas emoções por possuir tão sonhado brinquedo, “A casa era tão maravilhosa! Demais para elas! Nunca tinham visto nada igual na vida” (MANSFIELD, 2005, p. 191). Neste trecho do início da narrativa as crianças vivenciam o ápice da felicidade em um processo eufórico cujo clímax pode ser resumido pela contemplação do lampião na casa de bonecas, conforme a passagem a seguir:

Mas o que Kezia gostou acima de tudo, o que gostou desesperadamente, foi do lampião. Ficava no centro da mesa da sala de jantar, um primoroso e pequenino lampião de âmbar, com um globo branco. Estava inclusive cheio, como se pronto para ser aceso, embora, claro, não se pudesse fazê-lo. Mas havia algo dentro que parecia óleo e se movia quando alguém o balançava. (MANSFIELD, 2005, p. 193).

A euforia das meninas se descortina do prazer inicial ao ganhar tão precioso presente para depois comentar sobre o brinquedo e convidar as colegas para conhecê-lo, pois, o mesmo ficaria em exposição no quintal; o poder de contar e escolher quem seriam as privilegiadas a vivenciar tão grande emoção foi dado a Isabel a mais velha.

A maravilhosa casa foi a sensação entre as meninas do lugar, todas foram convidadas a olhar, menos as da família Kelveys, Liv e Else, filhas da lavadeira e de um presidiário, por isso eram desprezadas socialmente conforme a seguinte passagem “Passavam pelas Kelveys de cabeça empinada e, como elas davam o tom geral de comportamento, todo mundo evitava as Kelveys” (MANSFIELD, 2005, p. 193). No tratamento de exclusão dado às crianças pobres, não só pelas colegas como também pelos professores do lugarejo a autora destaca a desigualdade social, a maldade infantil e também nos adultos.

A maldade infantil praticada pelas garotas ricas é como uma tortura que cresce e atinge seus alvos gradualmente. As jovens da família Burnells após ganharem a casa chegam à escola e na hora do intervalo reúnem as amigas “as meninas fecharam um círculo apertado. Excluídas só ficaram as duas de sempre — as Kelveys” (MANSFIELD, 2005, p. 195).

No primeiro momento da tortura contam segredos aos cochichos, riem, deboçam, tudo com o intuito de humilhar as pobres da família Kelveys, depois convidam todas as abastadas do lugar e as deixam excluídas por ordem expressa dos pais. “Por fim, todas haviam visto a casa, com exceção das duas” (MANSFIELD, 2005, p. 196).

A única daquelas jovens com bom coração era Kézia que insistiu com a sua mãe, porém, obteve uma resposta negativa, as demais não contentes com os gestos humilham com palavras o máximo que conseguem conforme o seguinte trecho “Lil Kelvey vai ser uma criada quando crescer”. (MANSFIELD, 2005, p. 196), depois de lançarem uma profecia sobre a futura profissão subalterna de Lil com deboche ainda a humilham sobre a condição de seu pai, que estava preso.

Depois das humilhações imputadas às meninas, as ricas sentem um imenso prazer conforme a seguinte passagem:

Era tão maravilhoso haverem tido a coragem de dizer aquilo, que as meninas se retiraram todas juntas, profundamente excitadas, tomadas de uma alegria maldosa. Uma delas encontrou uma corda e começaram a pular. Nunca pularam tão alto, correram tão depressa, nem fizeram coisas tão ousadas como naquela manhã. (MANSFIELD, 2005, p. 197).

Após jogarem o fel de maldade sobre Lil e Else as meninas abastadas se sentem em êxtase. Para compensar tanto sofrimento Kézia as convida às escondidas para finalmente conhecer a famosa residência “Vocês podem entrar para ver nossa casa de boneca, se quiserem — disse Kézia” (MANSFIELD, 2005, p. 198).

Ao final as meninas da família Kelveys, Lil e Else, vivem o momento de tensão entre a disforia provocada pelas humilhações e a euforia do êxtase em poder contemplar, mesmo que por alguns instantes, a maravilhosa casa de bonecas, conforme o seguinte trecho “Houve uma pausa. Lil respirava alto, quase bufava, enquanto Else permanecia muda como uma pedra” (MANSFIELD, 2005, p. 198).

O momento de êxtase é interrompido pela chegada da tia de Kézia que expulsa as duas do lugar “— Para fora, já — gritou, fria e orgulhosa. (MANSFIELD, 2005, p. 198). Novamente a tensão disfórica se estabelece, depois que são expulsas e longe da casa a tensão se desfaz então a euforia toma conta ao lembrarem os detalhes da linda casa conforme a pequena Else “— Eu vi a lampadazinha —disse docemente” (MANSFIELD, 2005, p. 199).

Nesse momento epifânico a autora destaca que os sonhos infantis estão livres de barreiras sociais, o que mais chamou atenção das duas crianças, Else, pobre e Kézia, rica, foi justamente a lampadazinha cor de âmbar, dois universos diferentes que são ligados pela contemplação da beleza da luz.

Outro conto a ser analisado é *Felicidade* (Bliss), publicado em agosto de 1918 cujo enredo reflete sobre a vida de Bertha Young, uma jovem casada que se depara com crises existenciais e do matrimônio. No início da narrativa ela é descrita como uma mulher que ainda não perdeu a capacidade de sonhar e sentir a sensação de êxtase absoluto tal como os jovens adolescentes.

A voz narrativa que se apresenta é um narrador heterodiegético e onisciente, penetra na consciência da personagem protagonista e revela aos leitores seus conflitos e devaneios.

Prevalece o tempo psicológico; com ambientação urbana e personagens representantes da burguesia da época; enredo com profundidade psicológica e existencial é conduzido pelas reflexões de Bertha Young.

A situação inicial revela sobre um repentino sentimento de felicidade que se apossa da protagonista, de acordo com a seguinte passagem:

O que pode alguém fazer quando tem trinta anos e, virando a esquina de repente, é tomado por um sentimento de absoluta felicidade – felicidade absoluta – como se tivesse engolido um brilhante pedaço daquele sol da tardinha e ele estivesse queimando o peito, irradiando um pequeno chuveiro de chispas para dentro de cada partícula do corpo, para cada ponta de dedo. (MANSFIELD, 2000, p. 11).

A narrativa se inicia, portanto, com a personagem no ápice da euforia, esse sentimento segue Bertha quando esta chega em sua casa e começa a preparar a decoração da mesa do jantar para recepcionar seus convidados, conforme a seguinte passagem “Ao terminar o arranjo-duas pirâmides de brilhantes formas arredondadas-Bertha se afastou um pouco para apreciar o efeito, que lhe pareceu extraordinário” (MANSFIELD, 2000, p. 12). A decoração, as frutas, tudo conspirava a seu favor.

Quando sobe ao quarto de seu bebê o sentimento perdura e aumenta com a certeza de seu amor por sua filha, “e toda aquela sensação de êxtase voltou novamente, e novamente ela não sabia como exprimir aquilo” (MANSFIELD, 2000, p. 13).

Depois de receber um telefonema do marido avisando que chegaria atrasado ao jantar, ela contempla seu jardim e seu olhar se fixa em uma árvore alta e esguia, em flor, seus devaneios são interrompidos pela passagem de dois gatos que lhe causaram arrepios, indicando um mau presságio, com isso aos poucos, o sentimento de euforia dá lugar a uma espécie de cansaço, em uma curva declinante, conforme o seguinte trecho “E agora ela estava tão cansada que não podia nem ao menos se arrastar escada acima para se vestir” (MANSFIELD, 2000, p. 16).

À medida que os convidados chegam para o jantar o êxtase retoma “e ela adorava tê-los ali, na sua mesa, e dar-lhes comida e vinhos esplêndidos” (MANSFIELD, 2000, p. 18). Quando os convidados estão indo embora, por acaso Bertha descobre que seu marido Harry está tendo um caso com Miss Fulton, então o momento disfórico principia e ela se pergunta “E agora, o que vai acontecer?”

Portanto, a narrativa deixa aos leitores uma lacuna no texto para ser preenchida, uma vez que a personagem começa a entrar em seu vazio existencial, com a

decepção da traição, do desmoronamento de seu casamento e de seu mundo de felicidade.

Nos dois contos analisados percebemos o lirismo com enredos centrados na abordagem psicológica, a preocupação com a forma e com o social, os momentos de epifania vivenciados tanto pelas personagens infantis quanto por Bertha em *Felicidade*, nesta narrativa a euforia se apresenta de modo brilhante inicialmente depois sofre o declínio, em *A casa de bonecas* há o inverso.

3.2 Clarice Lispector: eu coso para dentro

Clarice Lispector nasceu em 10 de dezembro de 1920 Tchetchelnik, Ucrânia. Quando tinha cerca de dois meses, seus pais migraram para o Brasil, terra que considerava como sua verdadeira pátria. Em 1924, a família mudou-se para o Recife, onde iniciou seus estudos, depois de oito anos perdeu sua mãe e depois mudou-se para o Rio de Janeiro. No ano de 1939 ingressou na faculdade de Direito.

Em 1943 formou-se e casou-se com o diplomata Maury Gurgel com quem teve dois filhos, e durante a vida de casada morou em diversos países. Foi jornalista, tradutora, escritora de romances, ensaios, contos e poemas.

Em 1944, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, vindo a ganhar o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, em 1946 publica *O lustre*. No ano de 1959 separou-se e voltou para o Rio de Janeiro com seus dois filhos, no ano seguinte publicou seu primeiro livro de contos, *Laços de família*, em 1966 sofreu um grave acidente, porém, após se recuperar continuou com sua carreira literária. Em 1977 publicou seu último livro, *A hora da estrela*, vindo a ser internada pouco tempo depois com câncer. Clarice vem a falecer no dia nove de dezembro do mesmo ano. E suas principais obras são: “*Perto do coração selvagem*” (1944), “*Laços de família*” (1960), “*A maçã no escuro*” (1961), “*A legião estrangeira*” (1964), “*A paixão segundo G.H.*” (1964), “*Felicidade clandestina*” (1971), “*Água viva*” (1973), entre outras.

Diante de suas obras publicadas após a sua precoce morte, as póstumas narrativas ganharam grandes destaques e traduções que valorizaram o seu trabalho sendo um grande destaque na Geração de 45 ou Pós-Modernismo.

Em seu fazer literário Clarice resumia sua literatura “Não escrevo para fora, escrevo para dentro”(LISPECTOR,1973).Com isso a prosa dessa autora desce cada vez mais fundo na representação da realidade íntima do ser humano; prima por

dissolver a linha cronológica do enredo; rompe a fronteira entre a voz do narrador e a das personagens; cria metáforas inusitadas; faz uso brilhante do fluxo de consciência para revelar os pensamentos de seus personagens, esse fluxo costuma derivar de uma sensação súbita de arrebatamento do indivíduo, a chamada epifania.

Em várias entrevistas que concedeu Lispector nunca escondeu seu fascínio pela escrita de Katherine Mansfield e o quanto essa autora foi influente em sua vida, conforme a seguinte passagem:

Em outra vida que tive, aos 15 anos, com o primeiro dinheiro ganho por meu trabalho, entrei altiva porque tinha dinheiro, numa livraria, que me pareceu o mundo onde eu gostaria de morar. Folheei quase todos os livros dos balcões, lia algumas linhas e passava para outro. E de repente, um dos livros que abri continha frases tão diferentes que fiquei lendo, presa, ali mesmo. Emocionada, eu pensava: mas esse livro sou eu! E, contendo um estremecimento de profunda emoção, comprei-o. Só depois vim a saber que a autora não era anônima, sendo, ao contrário, considerada um dos melhores escritores de sua época” (LISPECTOR, 1973).

Nessa citação acima a autora informa sobre o primeiro contato com a obra de Mansfield, o êxtase vivenciado por Bertha gerou uma grande influência e serviu como fator primordial no desenvolvimento de seus trabalhos literários.

A obra de Lispector por nós, analisada é *Felicidade clandestina*, publicada pela primeira vez em 1967, cujo enredo se estrutura em torno de uma jovem leitora que sofre verdadeiras torturas para obter a felicidade ou o empréstimo do livro *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

A voz narrativa que se apresenta é um narrador homodiegético, ou seja, faz parte da narrativa, a protagonista já adulta rememora fatos decisivos de sua pré-adolescência e revela aos leitores seus sofrimentos, devaneios e felicidade; prevalece o tempo psicológico; com ambientação urbana na cidade de Recife e personagens representantes da classe média e baixa; enredo com penetração psicológica e existencial é conduzido pelas reflexões da personagem-narradora.

De início ela apresenta seu algoz, a menina cruel que durante muito tempo, até de forma sádica, mentiu, enganou, torturou por pura maldade:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (LISPECTOR, 1998, p. 06).

A descrição que a narradora faz da pequena vilã, é como uma espécie de vingança ou acerto de contas por tudo que a fez passar.

O sentimento de euforia toma conta da narradora quando a antagonista revela que possui o livro de Monteiro Lobato “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (LISPECTOR, 1998, p. 07). A partir de então se inicia a chamada “tortura chinesa”, menina má tem prazer em fazê-la ir a sua casa todos os dias “Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina.” (LISPECTOR, 1998, p. 08).

O sadismo termina quando a mãe da menina má percebe o jogo cruel realizado por sua filha, resolve então emprestar por tempo indeterminado o tão sonhado livro. Com isso a euforia ou êxtase toma conta da jovem, conforme a seguinte passagem “Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim.” (LISPECTOR, 1998, p. 08).

Após muitas humilhações a protagonista finalmente obtém seu objeto de desejo, tal como uma heroína em um conto de fadas que depois de sofrer nas mãos da bruxa má é feliz para sempre e no caso desta narrativa a ávida leitora encontra seu príncipe encantado (o livro) e sua felicidade.

4. ASPECTOS COMPARATIVOS: SEMELHANÇAS E DIVERGÊNCIAS

A influência ultrapassa as fronteiras, contagiando escritores de diferentes formas ao nível mundial, diante destes fatos as autoras em questão têm um grande peso em suas publicações, correlacionando assuntos que fazem parte do meio social na época em que descreveram certas obras abordando situações através de seus personagens. Assim temos a relevante distinção dos conceitos fundamentais entre entendimentos de ambas as partes, de um lado a quantidade no tocante ao contato e relações estabelecidas entre emissor e receptor, e outro fator essencial a qualidade demonstrando a produção de um trabalho autônomo, isto remete a um resultado de acordo com a Nitrini (2000):

Uma obra literária produzida com a mesma independência e com os mesmos procedimentos difíceis de analisar, mas fáceis de se reconhecer intuitivamente, da obra literária em geral, ostentando personalidade própria, representando a arte literária e as demais características próprias de seu

autor, mas na qual se reconhecem, ao mesmo tempo, num grau que pode variar consideravelmente, os indícios de contato entre seu autor e um outro, ou vários outros. (NITRINI, 2000, p. 127).

O que podemos evidenciar entre essas vertentes que tem um papel fundamental que inclui o conceito de influência e aspectos comparativos de uma obra para outra e o fator de explicar a concepção descrita pela autora acima que molda a própria personalidade de cada autor que compartilha da ideia transformando seu modelo de inspiração através da influência, Clarice Lispector recebe de Katherine Mansfield um verdadeiro tesouro e usa de sua aguçada inteligência para multiplicá-lo com nova roupagem.

Ao analisar as obras, percebemos que o modo de engendrar os textos, elaborar o tecido literário e os enredos apresentam muitas semelhanças, mas também divergências.

Quanto às semelhanças em relação à temática, o primeiro item a ressaltar é que ambas autoras evidenciam os sofrimentos de crianças suscitados pelas desigualdades sociais tanto em *A casa de bonecas* quanto em *Felicidade clandestina*, as mais ricas com requintes de torturas e sadismo provocam nas menos favorecidas um suplício cruel refinado por uma prolongada duração.

Essas crianças más, de acordo com a Psicologia apresentam transtornos de conduta que engloba comportamentos cruéis e hostis, originando-se sobretudo durante as etapas da infância e/ou adolescência. De acordo com Bordin & Offord (2000, p.22) “Esses jovens não aparentam sofrimento psíquico ou constrangimento com as próprias atitudes e não se importam em ferir os sentimentos das pessoas ou desprezar seus direitos”. As personagens ricas ao realizar suas maldades demonstram falta de empatia e ausência de remorsos ao causarem sofrimentos.

Também a presença forte da figura feminina que apesar de sua aparente fragilidade diante das intempéries da vida não desiste diante dos obstáculos para obter seu triunfo ou felicidade.

Outros destaques que convergem são as personagens em busca da felicidade, seja observar por poucos momentos uma casa de bonecas, pegar um livro emprestado ou amar e ser amada; assim como a epifania ou êxtase silencioso no final de *A casa de bonecas* e *Felicidade clandestina*. Em *Felicidade* a protagonista vivencia também o momento de epifania durante quase toda a narrativa, mas no final seguido de dor e sofrimento.

Quanto aos aspectos divergentes Clarice optou por elaborar a narrativa *Felicidade clandestina* como uma obra fechada, pois, a personagem obtém seu tão aguardado livro em um momento eufórico quase transgressor, já em *Felicidade* de Mansfield a mesma pode ser denominada aberta, pois encerra quando a protagonista entra em conflito diante da descoberta da traição de seu marido em instante disfórico, deixa para o leitor imaginar inúmeras possibilidades em relação às futuras ações adotadas pela personagem diante de seu suplício.

Em *A casa de bonecas* quem causa uma das disforias é um adulto, a tia das meninas ricas, que com ódio no coração expulsa as pobres Lil e Else, já em *Felicidade clandestina*, a mãe da menina má provoca a euforia ao emprestar à narradora o livro de Lobato por tempo indeterminado.

A voz narrativa nos contos de Katherine Mansfield surge com narrador heterodiegético, onisciente, em *Felicidade clandestina* é homodiegético, que realiza através do fluxo de consciência, o monólogo interior.

Outro ponto divergente é em relação aos momentos disfóricos e eufóricos nas três obras, em *Felicidade* a personagem inicia a vivenciar momentos eufóricos e termina em tensão ou disforia, em *A casa de bonecas* as crianças pobres vivenciam vários momentos disfóricos e terminam em devaneio eufórico, em *Felicidade clandestina* a narradora sofre os momentos disfóricos, mas no final é presenteada com a felicidade ou êxtase.

São vários pontos em comum, mas há como analisado uma recriação por parte de Clarice Lispector que com seu gênio criador faz uso do sentimento da emulação para construir uma obra única e original, tal como afirma Nitrini:

A originalidade que percebemos numa obra literária, ou seja, sua marca própria, não é outra coisa senão o gênio criador que levou um escritor a escolher um assunto, modificar uma técnica etc., nas suas relações complicadas e variáveis com a tradição, com as influências específicas que agiram sobre ele e com o gosto de sua época. (NITRINI, 2000, p. 141).

Logo o que se pode destacar é que cada autora tem seu estilo único, próprio, original, as duas enfatizam muito em suas narrativas a figura feminina, o íntimo das personagens com o fluxo de consciência, a epifania e também a injustiça social enfrentada sobretudo pelas crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto fica explícito perceber a influência que as obras de Katherine Mansfield exerceram na construção do estilo literário de Clarice Lispector: intimista, perscrutador da alma humana, das desigualdades sociais e de gênero. A escritora brasileira de forma genial emula, transforma e cria seu grande legado que com estilo peculiar representa não só o sujeito fragmentado do século XX, mas também da linguagem, que é imperfeita em exprimir o seu conflito existencial.

Portanto, o resultado desta pesquisa nos mostrou relevantes situações extraídas dos contos que nos levaram a refletir sobre nossa realidade cultural, social e humana, além de conhecer de forma mais profunda a vida e a obra de duas grandes mulheres que estiveram à frente de seus tempos e que deixaram um precioso legado para a literatura universal.

Referências

BORDIN, Isabel, & OFFORD, David (2000). **Transtorno de conduta e comportamento anti-social**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 15 de dez. de 2000, p.12-15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600004>>. Acesso em 10 de abr. de 2021.

CAMPOS, Denise; KUHN, Silva. **O Insight da Vida Cotidiana: A Epifania em Clarice Lispector e Katherine Mansfield**. Revista Olhar- Ano 02 –Nº4 Dez. 2000. Disponível em:< <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar4/denise.pdf>>. Acesso em 29 de jan. de 2021.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 2014.

GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

KICH, Bruna Viedo. **A assimetria social na obra de Katherine Mansfield**. periodicos.ufsm.br. Literatura, Comparatismo e Crítica Social. Santa Maria – Fevereiro de 2015 – ISSN 1679-849X. Disponível em:< <https://periodicos.ufsm.br/article>>. Acesso em 03 de nov. de 2020.

LISPECTOR, Clarice. (1998). **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **O primeiro livro de cada uma das minhas vidas**. cronicabrasileira.org.br.24 de fev. de 1973. Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/5891/o-primeiro-livro-de-cada-uma-das-minhas-vidas> >. Acesso em:20 de dez. de 2020.

MANSFIELD, Katherine. **Felicidade e outros contos**. Tradução: Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

MANSFIELD, Katherine. A casa de bonecas. In: **Katherine Mansfield contos**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 189-199.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: teoria e crítica**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

NUNES, Benedito. **O Tempo na narrativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.